



GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

Coordenador(es):

Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)

Rogério Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Engajamentos insubmissos

Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas

Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)ensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

Margens, violência e insubmissão: uma etnografia dos fragmentos vitais

Autoria: Romário Vieira Nelvo (PPGAS/Museu Nacional/UFRJ)

Conforme as formulações de Michel Foucault na aula inaugural de seu curso ?É preciso defender a sociedade?, estaria havendo, na segunda metade do século XX, um movimento contestatório de críticas sociais empreendidas no mundo público a partir da aparição genealógica da ?insurreição de saberes?. Estes seriam ?erudições inúteis? e ?saberes das pessoas?, minoritários, no limite, sepultados. É o saber do psiquiatrizado, do prisioneiro, entre outros. Assim, nesta comunicação, propõe-se discutir as relações entre margens, violência e insubmissão desde uma perspectiva político-moral das ?insurreições de saberes?. Tenho como pano de fundo algumas situações concretas batizadas por mim de ?fragmentos vitais?. Tais fragmentos compuseram parte significativa da minha dissertação de mestrado, e tinham como finalidade trazer à tona uma reflexão sobre vida moral, regimes de humanidades e processos de formação do Estado-nação. Para tanto, parti de uma pesquisa de campo, confeccionada entre os anos 2017 e 2019, acompanhando o ativismo



da ?maconha medicinal? no Rio de Janeiro. Ali, no work monográfico, me chamava a atenção o tipo de sofrimento e o work do tempo pessoais que corriam à esteira da coletivização nos repertórios da ?luta por justiça?. Indo na contramão do tempo que estetiza a organização política coletiva, uma moradora de rua que vive tendo crises convulsivas, uma mulher de meia idade que sente ?dores incontrolláveis? e deseja ser parte do que ela chama de ?sociedade humana?, e uma mulher idosa, mãe de um adulto com deficiência, que testemunhou em seu corpo uma brutal violência estatal, me colocavam diante de um conjunto de questões sobre como narrar uma história coletiva da luta política, sem que se perdesse de vista as sutilezas triviais da vida ordinária. Se antes eu estava muito mais preocupado em apontar as narrativas que não chegam a serem coletivizadas, aqui, procurarei alargar um pouco mais o enquadramento a fim de pensar com os próprios fragmentos vitais e o que eles podem nos iluminar sobre a vida social. Em estreito diálogo com a proposta levantada pelo Grupo de work, seleciono pelo menos três horizontes analíticos a serem privilegiados no paper. Primeiro, apontarei como esses fragmentos permitem refletir sobre os conceitos de margem e de violência. Depois disso, espero revolver o status contestatório destes fragmentos, ao mostrar que eles desvelam os sentidos do humano, os marcadores da diferença e as relações de poder hegemônicas. Por fim, sugiro estarmos diante de uma fecunda oportunidade para se discutir sobre a etnografia e seus modos criativos de mensuração de vidas políticas. Como antes havia esboçado Foucault, acredito que o que está por detrás da ?insurreição de saberes? é a história das lutas políticas.



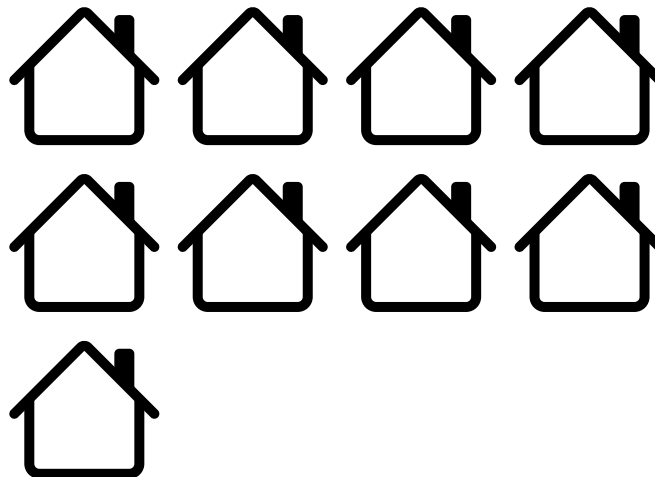
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: